

O BIS

Boletim Informativo do SSC

Edição AMI - agosto de 2003

Editorial: Esta edição tem como objetivo divulgar aos colegas do SSC, considerações a respeito de Seminário realizado em Julho de 2003 no Hospital de Clínicas de Porto Alegre: "Juventude, Sexualidade e Gravidez".

Assinam esta edição: Maria Lúcia Medeiros Lenz, Norma Pires e Wanda Leite

Agradecemos a Helen Gonçalves (pesquisadora do Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPEL e doutoranda em antropologia da UFRGS) e ao Doutor César Victora, pela revisão e consentimento da divulgação deste BIS.

"Juventude, Sexualidade e Gravidez" foi o tema de seminário ocorrido este mês no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, coordenado pelo Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS (Nupacs). Alguns profissionais do SSC tiveram a oportunidade de presenciar as apresentações e discussões em torno de um tema tão relevante e complexo, trazidos por colegas altamente qualificados.

Durante a conferência de abertura, ministrada pelo Dr César Victora, tivemos a oportunidade de conhecer parte de um grande estudo realizado em Pelotas (RS) - Do nascimento a maternidade: a coorte de Pelotas 1982-2001. De um jeito simples e claro (próprio do autor e apresentador), foram trazidas análises deste estudo, específicas sobre o tema do seminário.



Há 19 anos uma mesma população é estudada "os nascidos vivos de 1982 em Pelotas". Estudos etnográficos e epidemiológicos estão sendo realizados ao longo desta coorte. A análise trazida ao seminário consiste em um estudo específico realizado entre os nascidos em 1982, filhos de mães adolescentes e principalmente, entre as "meninas" nascidas em 1982 que já se tornaram mães.

Gravidez, paridade e natalidade, são situações diferentes. Entre as adolescentes estudadas: - 22,5% responderam que já estiveram grávidas e 15,9% já tiveram filhos. O estudo foi dirigido àquelas que tiveram filhos, ou seja, refere-se a paridade.

O número de mães adolescentes vem aumentando?

O que os autores trazem é que a paridade diminuiu muito em geral entre as mulheres, ou seja, o número médio de filhos caiu muito. Na adolescência (10-19anos), não diminuiu na mesma proporção. Logo, em termos relativos, a paridade na adolescência vem aumentando, mas em termos absolutos permanece estável.

Quais as meninas que possuem maiores chances de virem a ser mães adolescentes na cidade de Pelotas?

Meninas de famílias mais com até 3 salários mínimos (inclusive, entre elas, ocorre um maior número de gestações planejadas)

Meninas que apresentam alto percentual de repetência e evasão escolar

As filhas de mães que tiveram muitos filhos
As meninas que tem irmãos de pais diferentes

As meninas que iniciaram precocemente as relações sexuais

As adolescentes cujos companheiros possuem uma escolaridade mais baixa

Quais os fatores que não representaram risco neste estudo?

A presença do pai da adolescente (morando na mesma casa)

A presença dos avós (morando na mesma casa)

O estado civil da adolescente

A cor da pele

A mãe da adolescente trabalhando fora

Quais as conseqüências de ser mãe adolescente evidenciadas neste estudo?

Para a adolescente - risco bem maior de abandonar os estudos no período de gestação e logo após o nascimento

Para o bebê - não morrem mais na infância, não diferenciam em altura (indicador de saúde infantil), não parecem apresentar menos saúde mental, das crianças filhas de mães não adolescentes.

Algumas conclusões apresentadas

- A paridade entre adolescentes vem aumentando somente em termos relativos;
- a pobreza está fortemente associada à paridade na adolescência;
- baixo desempenho escolar (desinteresse no futuro via estudo) é fator de risco para vir a engravidar na adolescência;
- o posterior abandono dos estudos é bem maior;
- não apareceram conseqüências maiores na saúde dos filhos e
- a **complexidade** desta questão, evidencia a necessidade de estudos com abordagem transdisciplinar no sentido de observar a trajetória biográfica das jovens e os valores da socialização familiar.

Outras considerações que foram debatidas no decorrer do seminário:

Questões relacionadas a gravidez na adolescência é muita vezes abordada pela mídia de forma pouco científica e cercada de falsas premissas e de julgamentos morais, assim como também, no meio biomédico.

Nas famílias de extratos sociais mais baixos, a gravidez é uma forma de reconhecimento social. O local onde vivem, a vizinhança, o trabalho, a passagem para a vida adulta e o pertencimento à família são muito valorizados nestes contextos.

Ao comparar as camadas populares com as camadas médias percebe-se que existem diferenças de valores e prática. Em outras palavras, há neste meio uma quebra dos laços tradicionais, nos laços de vizinhança, predomina o individualismo e a autonomia e "alguma juventude" se prolonga - ao contrário das camadas populares, cujo ingresso no meio adulto é estimulado mais cedo.

E no SSC?

Qual o percentual de mãe adolescente entre as mães de todos os recém-nascidos vivos da área de atuação do SSC?

	1997	1998	1999	2000	2001	2002
mãe < 18 anos %	10	13	13	11	10	11

Fonte: Relatório AMI 2001 e 2002

Existe uma variação muito grande nas doze Unidades do SSC:

Em 2002, o percentual de mães com < 18 anos nas Unidades do SSC variou de 5% (Unidade Conceição) a 20% (Unidade Dique). O percentual de mães sem primeiro grau completo variou de 5% (Unidade Conceição) a 81% (Unidade Dique) e o percentual de mães cujas famílias recebem < 1 SM per capita variou de zero (Unidade Conceição) a 71% (Unidade Dique).

Convidamos às equipes a pensar nesta questão: como poderíamos trazer estes resultados à nossa prática em APS em diversas realidades?